



RESUMOS DAS PALESTRAS E MESAS REDONDAS DO I SIMPÓSIO DE LETRAS

Palestra de abertura

Movimentos messiânicos: contribuições da leitura antropológica para leituras literárias

Prof^ª Me. Ana Carolina Bazzo¹

Nesta palestra, abordaremos caminhos das leituras socioantropológicas do messianismo e, acompanhando tais caminhos, pretendemos salientar as contribuições dessas leituras para análises de obras literárias que abordem o tema. A forma como o termo é analisado dentro dos estudos antropológicos, históricos e sociológicos acompanha a interpretação de diferentes movimentos, como os movimentos messiânicos no campo (messianismo rústico), movimentos messiânicos dentro de culturas não judaico-cristãs (como o messianismo em comunidades indígenas) e também a possibilidade de leitura de interpretações messiânicas em comunidades urbanas (messianismo e escatologia no universo de periferias urbanas) e as escolhas teorias de interpretação do próprio termo influenciam uma expansão do olhar para os singulares movimentos. Pensando nas contribuições antropológicas e sociológicas, buscaremos aqui refletir sobre como a antropologia abre espaço para o entendimento do messianismo como uma manifestação humana que representa interpretações de mundo, portanto, abre espaço para pensarmos a ficção e a literatura como partes dessa manifestação simbólica também. Concluimos afirmando que não somente a antropologia abre espaço para pensarmos em diferentes messianismos, como também para pensarmos nos meandros das relações entre obra e leitor.

¹ Mestrado em antropologia social pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil (2009). Professora Coordenadora da Universidade Metropolitana de Santos.



Mesa-redonda: O mito do rei eterno

Origens literárias do mito arturiano: aspectos messiânicos

Prof^a Me. Claudia Menezes Cruz²

Nesta mesa-redonda, pretendemos apresentar as origens literárias do mito arturiano e sua relação com o mito messiânico. Para tanto, abordaremos as origens celtas da Matéria de Bretanha, a incorporação de seus vários elementos até o século XII, com a introdução do símbolo judaico-cristão do Santo Graal. A trajetória de Arthur e os elementos que constituem o seu mito serão comparados à trajetória tipicamente messiânica para posteriormente relacionarmos a influência desta literatura na formação dos nobres da corte portuguesa, em particular na do rei D. Sebastião.

² Mestrado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2003). Professora da Universidade Metropolitana de Santos.

Mito e história: o Sebastianismo

Prof. Rafael Sarmiento Resende³

A partir da idéia weberiana da figura carismática, pretende-se mostrar como as circunstâncias do nascimento de D. Sebastião no contexto histórico, político e econômico

de Portugal no século XVI contribuem para o “dom da graça” atribuído a essa personagem. A epopéia camoniana registra, poeticamente, as qualidades do rei eterno e antecipa a “vil tristeza” que se apodera do povo após a derrota de Alcácer-Quibir e a morte do rei.

³ Responsável pelo Blog Compro Comentários,pago bem. Professor do Colégio Objetivo.

Mesa-redonda: O sapateiro, o padre e o poeta

Prof^a Me. Claudia Menezes Cruz

Prof^a Dr^a Giselle Lazaratti Agazzi⁴

Nesta mesa-redonda, apresentaremos a figura de Antônio Gonçalves Eanes Bandarra, o famoso sapateiro da Vila de Trancoso (Portugal) e suas polêmicas trovas sobre o futuro da nação portuguesa. Posteriormente, abordaremos alguns aspectos da obra do Padre Antônio Vieira e a influência das trovas de Bandarra na concepção do padre sobre a realidade portuguesa do século XVI. Toda esta contextualização servirá de base para a leitura messiânica da obra Mensagem, de Fernando Pessoa.

⁴ Doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Professora na Universidade Metropolitana de Santos.

Mesa-redonda: Almeida Garrett e Glauber Rocha: messianismo no teatro e no cinema

Messianismo em Frei Luís de Sousa: mito ou predestinação?

Prof^a Dr^a Maria de Lourdes Gaspar Tavares⁵

Este trabalho está situado na área de Literatura Portuguesa e tem por tema o Messianismo na obra Frei Luís de Sousa de Almeida Garret. Tem-se por objetivo contribuir para a leitura do texto poético, especificamente o teatral, cuja peça citada consolida o teatro nacional português. Nesse texto, Garret confronta o Portugal Velho com o Portugal Novo. O primeiro é retratado pelas personagens Telmo e Maria, para as quais D. Sebastião voltará e com ele a riqueza, o poder e a glória do Quinto Império; o segundo, por meio de Manuel de Sousa Coutinho, o autor se remete a um país futurista, moderno, empreendedor, cujos obstáculos serão superados pelas mãos portuguesas, as quais não ficarão atadas à espera do Prometido. Ao retomar situações ligadas à batalha de Alcácer-Quibir e ao mito de S. Sebastião, primorosamente, o escritor evidencia seu olhar nacionalista.

Palavras-chave: messianismo, sebastianismo

⁵ Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (2004). Coordenação da Universidade São Vicente.

O Messianismo em Deus e o Diabo na Terra do Sol

Prof^a Me. Cecília Gonçalves Lopes⁶

Deus e o Diabo na Terra do Sol conta a história do vaqueiro Manuel e de sua esposa, Rosa. Os dois moram no sertão do país e sofrem com a miséria, a fome e o descaso daqueles que têm poder. Um dia, Manuel se vê enganado por um fazendeiro e o mata. Decide, então, fugir - mas não se trata de evitar a prisão: o que ele quer é arranjar uma forma de solucionar seus problemas mais profundos. Ele encontra, assim, Sebastião, um messias, que promete a prosperidade para aqueles que o seguirem – e Manuel acredita que esse homem vai trazer-lhe uma saída para a exploração de que é vítima. Glauber Rocha, nascido na Bahia, conhecia as histórias que retrata no filme. E o que ele desejava era mostrar um Brasil que ainda não havia aparecido nas telas – e como o messianismo só era possível devido a algumas condições como a concentração fundiária, a miséria dos camponeses, a prática do coronelismo e a forte religiosidade popular e a ignorância.

⁶ Mestrado em Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.



Palestra: A desconstrução do messianismo no Romantismo e no Realismo brasileiros: Álvares de Azevedo e Machado de Assis

Prof^a Me. Danielle de Oliveira Costa⁷

Este trabalho tem como principal objetivo refletir sobre a questão do anti-messianismo, suas implicações e ressonâncias nas estéticas do século XIX: o Romantismo e o Realismo. Sabemos que a obra de Álvares de Azevedo, basicamente poética, desdobrou-se em dois textos de gêneros diversos: o conto, representado em *Noites na Taverna*, que, em sua estrutura rápida, trabalha com a transgressão da moral e as perversões que somente um ambiente decadente, como uma taverna, pode propiciar. Tem-se, neste texto, o início de uma dialética corruptora, que encontra seu auge nos diálogos entre Macário e Satã, na peça teatral em dois atos *Macário*. Nele, a figura de Satã nos é apresentada como o anti-messias que, ao invés de salvar nosso protagonista, o empurra em direção ao precipício da corrupção humana, corroborando a visão de *mal du siècle*, inerente a esta estética. Em *O Alienista*, de Machado de Assis, o bom doutor Simão Bacamarte chega à cidade Itajaí proclamando-se um messias da ciência, um arauto da nova era racionalista que preconiza as tensões do fin du siècle. No entanto, no decorrer da narrativa, seu papel, na realidade, não é a de salvador, mas sim de condenador, em nome da ciência.

⁷ Mestrado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004). Professora de Literatura Brasileira e Teoria da Comunicação na Universidade Metropolitana de Santos.



Mesa-redonda: Messianismo no sertão: Antonio Conselheiro em Euclides da Cunha e Mario Vargas Llosa

Um republicano no sertão: o messianismo em Euclides da Cunha

Prof^a Me. Clara Versiani dos Anjos Prado⁸

A apresentação enfatiza a filiação da visão do messianismo na obra “Os sertões”, de Euclides da Cunha, ao esforço de compreensão da realidade brasileira para o estabelecimento da identidade do povo e da nação da, então, recém-criada república. A “miopia” das elites políticas e intelectuais brasileiras com relação ao seu interior, tal como colocado por Euclides da Cunha, bem como o plano geral da obra assentado nos princípios postos por Martius para a historiografia filosófica são também destacados.

⁸ Historiadora e Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora de História do Núcleo de Ensino a Distância da Universidade Metropolitana de Santos.

Um neoliberal no sertão: messianismo em Mario Vargas Llosa

Prof. Dr. Alfredo Monte⁹

“Tinha sido Canudos, essa história estúpida, incompreensível, de gente obstinada, cega, de fanatismos antagônicos”, conclui o Barão de Canabrava, em A guerra do fim do mundo, romance que Mario Vargas Llosa escreveu após a leitura de Os sertões, de Euclides da Cunha, e após viajar extensamente pelos locais por onde Antonio Conselheiro espalhou



sua revolta contra a República. A perspectiva do Barão, monarquista lúcido em meio a exaltados, descortina o desencanto do autor peruano com a esquerda. Mostrando fanáticos de todos os lados, tanto entre os revoltosos de Canudos, como entre os republicanos, e também o papel ambíguo de quem pode relatar os eventos (jornalistas, cantadores e contadores, orais ou letrados), ele mostra nessa poderosa ficção histórica sua conversão ideológica para o lado do (neo) liberalismo, uma vez que, nas suas palavras, “É preciso desconfiar das utopias: elas terminam, em geral, em holocaustos. Há uma estranha verdade na política, que consiste em que as soluções medíocres costumam ser as melhores soluções... Não há outra saída, na política, que não seja o realismo. Na literatura não, e por isso ela é uma atividade mais livre”.

9 Doutorado em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Responsável pelo Blog Monte de Leituras: Blog do Alfredo Monte. Professor Efetivo da Rede Pública de Cubatão.

Palestra: Do Misticismo à História: as veredas do sertão

Prof^a Dr^a Giselle Lazaratti Agazzi

A palestra “Do Misticismo à História: as veredas do sertão” pretende explorar como se deu a construção da perspectiva messiânica entre os anos de 1950 e 1960. Dialogando com importantes eventos históricos, as obras analisadas, Assunção de Salviano, de Antonio Callado, e Grande Sertão: veredas, de Guimarães Rosa, podem ser lidas como uma proposta de trajetória não apenas do personagem no que diz respeito à sua aquisição de consciência de classe – e, portanto, de sujeito histórico -, mas do próprio leitor.

Palestra: Alguns aspectos do Messianismo na Filosofia e na Teologia

Prof^a Me. Mariza Galvão¹⁰

A palavra simpósio vem do grego συμπόσιον (sympósion) que significa banquete, mas no sentido de beber, e beber juntos. Metaforicamente o convite para essa palestra é que possamos beber juntos “Alguns aspectos do messianismo na filosofia e na teologia”. O tema da palestra traz para o simpósio o diálogo sobre os aspectos messiânicos entre filosofia e teologia. Os personagens que abordo para cada um desses terrenos dialogantes são: Sócrates e Jesus. O primeiro pertence ao terreno filosófico e o segundo, ao terreno teológico. Apesar de o tema messianismo caber e se ajustar muito bem no terreno teológico, eu o arrasto para o campo filosófico especificamente para um determinado filósofo, Sócrates. A meu ver, os dois são figuras ímpares em seu tempo, porém, figuras pares ao se tratar do tema messianismo. A literatura que irei abordar para esse diálogo é a “Defesa de Sócrates” escrito por Platão e a “Bíblia”, o evangelho segundo São Marcos.

¹⁰ Mestrado em Ciência e religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Brasil (2003). Professora da Universidade Metropolitana de Santos.

Palestra: Gêneros e Messianismo: A pedra do reino e a literatura de cordel

Prof^a Dr^a Irene da Silva Coelho¹¹

Esta palestra pretende trabalhar o caminho percorrido do movimento messiânico real da Pedra do Reino ao fictício criado por Ariano Suassuna. Para isso, serão apontados os gêneros: crônica, cordel e novela de cavalaria como escolhas para organização do romance. Será ainda analisado o cordel como elemento estratégico para contar fatos históricos.

¹¹ Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, Brasil (2009). Professora da Universidade Metropolitana de Santos.

Palestra de encerramento

Messianismo na pós-modernidade: visões urbanas

Prof^a Me. Danielle de Oliveira Costa

Este trabalho pretende demonstrar as reverberações do Messianismo na Pós-modernidade, a partir da narrativa de Paulo Lins, Cidade de Deus. Quem são os novos messias? Como eles atuam nas pequenas comunidades marginalizadas? Seriam, os traficantes, os messias que dariam voz às minorias de uma população baseada, principalmente, no êxodo do interior do país para as grandes capitais? Tentar-se-á, através da obra de Michel Foucault, Edward Said e Hommi Babha, provar que a literatura brasileira pós-moderna tenta, por todos os



meios e cada vez mais, seguir os pressupostos dos modernistas de 22 e desconstruir estereótipos e paradigmas, em busca desta voz à margem do sistema.

Artigo recebido em 12/12/2010

Aceito para publicação em 23/12/2010

Para citar este Trabalho:

BAZZO, Ana Carolina, Movimentos Messiânicos . Revista Paidéia, Unimes Virtual, Edição Especial, 2010. Disponível em :<http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br>. Acesso em ___/___/___